

---

# *O PRESSÁGIO DE LYGIA FAGUNDES TELLES NA REVISTA BRANCA – UMA BREVE SONATA EM HOMENAGEM À AMIGA HILDA HILST*

---

THE PREDICTION OF LYGIA FAGUNDES TELLES IN THE REVISTA BRANCA - A BRIEF SONATA TO HONOR THE FRIEND HILDA HILST

Juliana Caldas<sup>6</sup>

**RESUMO:** A *Revista Branca*, por meio da sensibilidade de Lygia Fagundes Telles, publicou em 1949 o poema “Canção do mundo”, de Hilda Hilst, que, no ano seguinte, viria a compor o livro de estreia da autora, *Presságio* (1950). Mais do que o valor literário pontual desses primeiros versos, o poema publicado na *Revista* anuncia alguns princípios: o de uma amizade entre duas escritoras fundamentais em língua portuguesa e o de uma obra rica e múltipla que encarnou uma radicalidade poética original na literatura brasileira do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hilda Hilst; Lygia Fagundes Telles; poesia brasileira; *Revista Branca*.

**ABSTRACT:** The *Revista Branca*, through the sensitivity of Lygia Fagundes Telles, published in 1949 the debut poem “Canção do mundo”, by Hilda Hilst. These verses would be included in the author’s debut book, *Presságio* (1950). More than the punctual literary value of these first verses, the poem published in the *Revista* announces two beginnings: a friendship between two fundamental writers in portuguese and a rich and multiple work that meant an original poetic radicalism in Brazilian literature of the century XX.

**KEYWORDS:** Hilda Hilst; Lygia Fagundes Telles; Brazilian poetry; *Revista Branca*

## *1. ALLEGRO OU O PRIMEIRO MOVIMENTO, DOS AFETOS*

---

<sup>6</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo - USP. E-mail: jubscaldas@gmail.com

O exercício da amizade atravessa longamente a história do pensamento humano. De origem grega, a palavra-conceito “amizade” seria etimologicamente uma das facetas do “amor”, no entanto, sem seu caráter erótico e carnal. Para Aristóteles, por exemplo, a *philia* seria um meio para atingir a felicidade, uma vez que “ninguém escolheria viver sem amigos mesmo se tiver todos os outros bens, a nobreza ou gentileza para si”.

No livro de memórias de Lygia Fagundes Teles, *Durante aquele estranho chá*, em meio a fragmentos de lembranças, a escritora paulista reconstrói passagens de sua vida e de sua formação humana e literária, como mulher e escritora. Dentre tantos recortes memorialísticos e talhados ficcionalmente, encontra-se um pequeno texto dedicado a Hilda Hilst, cujo título “Da amizade” (TELLES, 2010, p. 35) dá a entrever o vínculo intenso que costurou o encontro dessas duas mulheres de letras.

Amantes da fidelidade dos cachorros, animais que as adorariam tanto na riqueza como na pobreza, Lygia Fagundes Telles e Hilda Hilst foram contemporâneas na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, e se conheceram em 1949 num evento, na Casa Mappin, em que Lygia era homenageada pelo lançamento de um livro. Enquanto Lygia conduzia a poeta Cecília Meireles para a cabeceira da mesa de jantar, Hilda, vestida com uma simplicidade que contrastava com o esplendor de sua beleza e de sua firmeza quase arrogante, apresentou-se: “Sou Hilda Hilst, poeta. Vim saudá-la em nome de nossa Academia do Largo São Francisco” (HILST apud TELLES, 2017, p. 554).

Se o universo das leis as aproximou, foram as reflexões sobre a morte e sobre Deus que lhes teceram o desejo de, na velhice, em algum momento, viverem numa comunidade de amigos reunidos ao redor de uma lareira acesa, enquanto bordavam almofadas, como se compusessem parte de uma cena clássica de algum museu de arte antiga.

Não vieram a construir efetivamente essa sociedade alternativa ou a compor uma tela museográfica, mas aqui, neste dossiê em homenagem à *Revista Branca*, co-habitam a mesma página do periódico pelos idos de 1949 e, como num olhar generoso lançado desde a varanda da casa, a amiga Lygia Fagundes Telles avista a chegada da jovem Hilda Hilst, com sua pena firme, “penetrando fundo para trazer à tona todo o seu luminoso mundo interior” (TELLES, 1949, p. 39).

Iniciada no ano de 1948 por Saldanha Coelho, a *Revista Branca* foi um importante veículo cultural em sua época e teve Marcel Proust como a expressão máxima da literatura universal. O periódico pretendia ser um meio para divulgação e circulação dos escritores brasileiros no

exterior, tanto que trazia em sua contracapa o anúncio de que era uma publicação em cinco línguas e, bimestralmente, teria um artigo em português acompanhado de uma tradução em espanhol, francês, inglês ou italiano, ou, ainda, artigos originalmente escritos em língua estrangeira com sua respectiva tradução em português.

Na edição 9, de outubro e novembro de 1949, ano II da publicação, Lygia Fagundes Telles apresenta a “figura louca e vagamente distraída” da talentosa poeta Hilda Hilst na seção “Poema” da revista:

Hilda Hilst é um dos mais jovens e talentosos elementos da novíssima geração intelectual que borbulha, freneticamente em S. Paulo. Sua figura louca e vagamente distraída é uma mistura de Cláudia e Tessá, mas sua pena é direta, firme, penetrando fundo para trazer à tona todo o seu luminoso mundo interior.

*Lygia Fagundes Telles*

CANÇÃO do mundo

Perdida na tua bôca.

Canção das mãos

que ficaram na minha cabeça

Eram tuas e pareciam asas.

Pareciam asas

que há muito quisesses repousar.

Canção indefinida

feita na solidão

dos solitários.

Os homens de bem

me perguntaram

o que foi feito da vida.

Ela está parada

angustiadamente parada.

O que foi feito

da ternura de todos os que amaram.

Ficou na minha cabeça  
e nas tuas mãos que pareciam asas.  
Que pareciam asas.<sup>7</sup>  
[Hilst, 1949, s.p.]

## 2. ADAGIO OU O SEGUNDO MOVIMENTO, DAS COMPOSIÇÕES

O dístico de abertura “Canção do mundo/ Perdida na tua boca”, anunciado por Lygia Fagundes Telles na *Revista Branca* em 1949 e, depois, incorporado como canto VIII do livro *Presságio – poemas primeiros* (1950), editado pela Revista dos Tribunais inaugura a voz poética de Hilda Hilst e lança os ecos primevos que irão se adensar ao longo da composição de sua obra.

A despeito de revelarem a predileção de Hilst pelas formas tradicionais da lírica, como a busca por temas que avistam certa elevação e grandiloquência poéticas, os vinte versos de “Canção do mundo” indiciam outros *topos* que perpassam o conjunto da obra da autora, como o corpo, o desejo, e, sobretudo, Deus e a impossibilidade de comunicar-se com essa alteridade indefinida entre o amado carnal e o ser etéreo inalcançável.

Nessa composição de estreia, a “Canção do mundo” parece entoada por um querubim de cabeça com asas que emite seu som melodioso como se encantasse o amado para um ritual de acasalamento. Entre uma fantasia idílica “perdida na tua boca” e uma cantiga de amor flagrada nas “mãos que ficaram na minha cabeça”, esse encontro amoroso revela-se tão-somente uma “canção indefinida feita na solidão dos solitários”.

Ao recitar essa canção, o eu-lírico querubim hilstiano parece escrever uma partitura de melodia entristecida, que não tem uma métrica precisa, mas sim um arranjo inapreensível numa exata medida: são frases que “nascem do inconformismo. Do desejo de ultrapassar o Nada” (HILST apud DINIZ, 2013, p. 21) e se derramam na consciência trágica de que “estão terrivelmente sozinhos/ os doidos, os tristes, os poetas” (HILST, 2017, p. 22).

Da percepção de que a poesia é um aprender a falar só o necessário, o que também a relega a um mistério acessado por iniciados (doidos, tristes e poetas), Hilda se constituiu, a partir de *Presságio*, como uma poeta obcecada em busca da forma poética perfeita que lhe permita ordenar e “ultrapassar o Nada” (HILST apud DINIZ, 2013, p. 21), tornando-se comunicável. Tal desejo, no entanto, materializou-se no constante sentimento de impossibilidade frente ao vazio que atravessa o insondável da existência.

---

<sup>7</sup> Optou-se pela transcrição fidedigna à página da *Revista Branca*, incluindo os usos ortográficos da época.

Diante da pergunta-enigma lançada pelos “homens de bem”: “o que foi feito da vida”, a poeta parece entoar como resposta uma canção que é feita de amor e morte ao mesmo tempo. Afinal, ser poeta é penetrar fundo no inominável para encontrar a “canção do mundo”, das mãos, “que pareciam asas”, indefinida.

### 3. PRESTISSIMO OU O TERCEIRO MOVIMENTO, DAS SEMELHANÇAS

Hilda era temperamental. Dizia Lygia (2018, p. 554): “Consegue se conter até certo ponto mas de repente (os impulsos) abre as comportas e solta os cachorros”. Em 1966, assumindo a literatura como uma estética de vida, muda-se para Casa do Sol, em Campinas-SP, para dedicar-se à escrita e a um projeto poético que cada vez mais se entrelaça com sua própria biografia. Afinal, “pode ser moderado alguém com uma obra tão flamante?” (TELLES, 2010 p. 36).

Nessa medida, a autora que às tantas veste túnicas brancas, diz ter realizado experimentos radiofônicos para ouvir a voz de mortos e aparece em inúmeras fotos blasfemando sua autoimagem com o dedo médio em riste ou mostrando a língua se constrói como um corpo-porco – linguagem encarnada e língua fundada no gesto-ser – que performa o agora como um *continuum* de palavra em ato. Um des(a)tino como poeta ermitã que já é profetizado em outro verso encontrado no livro de estreia *Presságio*: “Fui monja / vestida de negro / em labirinto azul” (HILST, 2017, p. 30) e considera a solidão como companheira implacável para se para fazer ouvir as vozes dos mortos.

Se numa primeira visada a poesia de estreia de Hilda Hilst na *Revista Branca* denota, de certa maneira, a ingenuidade de uma iniciante de 20 anos, ou, como diz Lygia Fagundes Telles, “um dos mais jovens e talentosos elementos da novíssima geração intelectual que borbulha freneticamente em S. Paulo”; ao se observar mais detidamente suas palavras-asa em formação, percebe-se que há nelas o anúncio de que sua poesia desejaria o sagrado e assumiria todo risco implicado no reconhecimento de uma ausência fundante e de certa condição trágica permanente na vida e na letra.

Assim, “o que foi feito/ da ternura de todos os que amaram/ ficou na minha cabeça/ e nas tuas mãos que pareciam asas” ou esse amor inacessível e escapável pela fresta dos dedos-asas em Hilda já se mostram revestidos da necessidade de uma espécie de comunhão religiosa, vertigem mística ou transe erótico, na qual o sagrado e o profano se alternem, ora revelando o buraco, a ausência da ternura que ficou apenas na imaginação, ora apostando no corpo (cabeça, mãos) como espaço privilegiado e fértil para a fantasia da realização e da completude.

Por isso, pode-se pensar que, nos versos inaugurais de Hilda, há, mesmo que de maneira difusa, a aposta numa “poética de intensidade”, ou seja, naquele “instante, um segundo antes da flecha ser lançada, a tensão do arco, a extrema tensão” (HILST apud DINIZ, 2013, p. 62), quando um golpe repentino atravessa e corta o espaço abruptamente em direção a um alvo: o mistério em sua radical distância e embriaguez.

Uma poeta que molda sua linguagem sobre o torniquete do desejo por dizer e partilhar o instante em que “eu vi Deus em algum lugar” (HILST apud DINIZ, 2013, p. 208) é a pedra bruta que a generosa amiga Lygia Fagundes Telles lapida no preâmbulo à “Canção do mundo” – “uma figura loura e vagamente distraída”.

De certa consciência agônica e insuportável da impossibilidade de comunicação com o inefável do mistério, que sabe que a vida está parada, “angustiadamente parada”, aproxima-se essa “mistura de Cláudia e Tessá”, colocando em “questão (à prova), na febre e na angústia, aquilo que um homem sabe do fato de ser” (BATAILLE, 2016, p. 37):

Meu Deus, como é que o homem pode ficar contente se ele tem um buraco por onde saem odores fétidos, como ele pode ter tanta vaidade de si mesmo se ele tem um ânus?  
(HILST apud DINIZ, 2013, p. 80)

“Meu Deus” é rogativa feita pelo homem que tem consciência de seus buracos úmidos de terra, barro. Humildade é qualidade daquele que sabe das próprias limitações e, portanto, aprende a “amar o perecível, o nada, o pó” (HILST, 2017, p. 516). Como húmus, “Que pareciam asas”, o verso final da “Canção do mundo” hilstiana, fertiliza “O amor e sua fome”, verso que encerra os *Cantares do sem nome e de partidas*, último livro de poesia da autora, publicado em 1995 por Massao Ohno. Canção do mundo ou cantares do sem nome entoam o presságio e o desenredo da obra de Hilda Hilst: compõem uma sonata para ser ouvida num voto de silêncio que jamais pode se cumprir inteiramente.

## REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DINIZ, Cristiano. (Org.). *Fico besta quando me entendem* – entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Globo, 2013.

HILST, Hilda. “Canção do mundo”. *Revista Branca*. Rio de Janeiro, ano II, n. 9, out.-nov. de 1949.

\_\_\_\_\_. *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

\_\_\_\_\_. “Lygia Fagundes Telles sobre Hilda Hilst”. In: *Da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 551-556.

TELLES, Lygia Fagundes. “Da amizade”. In: *Durante aquele estranho chá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 35-38.

\_\_\_\_\_. “Poema”. *Revista Branca*. Rio de Janeiro, ano II, n. 9, out.-nov. de 1949.